

AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2004. 198 p.

Vinicius Meira*

O livro apresenta, em suas capa e contra-capa, uma imagem que a gente imediatamente quer tocar: uma estilizada *Hemidactylus mabouia*, a popular lagartixa, espraia-se sobre um fundo azul, esticados e afastados seus dedos grandes. Aproximamo-nos daquele desenho, que contrasta com o resto da cobertura por suas cores e pelo tato, e somos convocados a virar e revirar o livro nas mãos. Nossos dedos deslizam sobre a superfície e alguma coisa nos prende, nos cola àquele réptil. Algo semelhante acontece ao iniciarmos a leitura do romance de José Eduardo Agualusa.

Esse escritor angolano tem prosa colante, rápida e, felizmente, bem acabada em *O vendedor de passados*, publicado pela Editora Gryphus, Rio de Janeiro, 2004.

Jornalista, Agualusa vive entre Lisboa e Luanda e tem livros traduzidos para várias línguas. No Brasil, foram publicados: *Nação Crioula* (1998), *Estação das chuvas* (2000), *Um estranho em Goa* (2001) e *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2002).

Em *O vendedor de passados*, tem-se um narrador inusitado: a lagartixa Eulálio. O livro abre-se com um mapa de Angola, que vai nos guiar algumas vezes nos percursos e percalços da estória que se conta. Por 32 capítulos curtos, Eulálio nos apresenta Félix Ventura, albino, venturoso vendedor de passados cheio de peripécias, utopias pretéritas que empresários, políticos, militares requisitam para livrar-se de antigos engajamentos comprometedores. Utopia às avessas, que não projeta o futuro, mas o ultrapassado; que transforma a memória em uma ilha de edição e seleciona, cola, corta, limpa substitui, localiza.

* Mestre em Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo, doutorando em Literatura Brasileira e professor do Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

Ou: o sujeito tem um passado sujeira e quer limpar a barra. Compra uma história, um tempo e um espaço inventados, fingidos, mas comprovados por fotos, documentos e certidões que um notário onipotente, Félix Ventura, refere verdadeiros e dá fé. O sujeito em questão é um estrangeiro, fotógrafo de guerra, José Buchmann, à procura de uma identidade angolana.

Quase ao mesmo tempo em que se ocupa de compor um passado para Buchmann, Felix Ventura conhece Ângela Lúcia, mulher extraordinária, também fotógrafa, “colecionadora de luz”.

Assim, da trama e da urdidura, faz-se o tecido do texto: os caminhos vão ser cruzados, as personagens entremeiam suas ações, e das memórias sobrepostas surgem os fatos que dão caimento e vestem bem as quase 200 páginas do livro.

De modo que, ajustando-se elegantemente e tomando forma e aspecto fluentes, a narrativa *sub reptil iudice* distrai, desopila, desfruta-se. E, quando se acaba de ler, tem-se a impressão de ter comido algo novo, não pesado, leve, a medida da merenda, bom. Ou de ter nadado a favor da correnteza. Na paz.